

## Tarde

O telefone tocou?

,deitada de bruços, o ventilador de teto para cima, senão frio demais, lembrando, ziguezagueando as horas na imagem do menino indo deitar, shorts xadrez em vários tons de cinza, o dorso descoberto molhado pelo suor de um Dezembro em férias, os cabelos aplanados no braço esquerdo do sofá: boa noite dorme com deus tenha bom sono e bons sonhos, olhando-a duas jabuticabas semi-esgueirando-se pelo teto branco gelo, a face da televisão explodindo em gols da última rodada do Brasileirão *últimos dias do Arena Sportv*, rememorando quando vagava num início de tarde, dez onze de outubro, as pernas axilas rosto nuca abrasados pelo amarelo do sol de um meio-dia de sempre, pela ruela que desenha o vão entre a Casa do Estudante e a Cirandinha Nacional numa loja de brinquedos descontar uma ficha do mês anterior dois bonecos Comandos em Ação, e ele olhos ávidos no Batmóvel pomposo da vitrine, “mãe eu quero!”, a magrinha vendedora, “leva pra ele”, e ela resolvendo “não, meu marido já comprou o presente, não vai precisar”, ele grunhindo, esperneando, nenhuma lágrima, andando direta no rumo da praça arrastando o tiquinho de gente, esfrangalhando seu pulso esquerdo num “em casa a gente conversa” entre dentes que chegando potencializou-o em berros e lágrimas e um castigo de semanas sem colocar os pés na rua, “nem pra ir na quadra da vila? nem pra ir na graminha da ilha? nem pra brincar no beco da caixa d’ água?”, não senhor, mas depois que ele rolava o corpinho em silêncio miúdo encerrado no quarto ela toda num rompante em agarrá-lo, esmagar-lhe os cabelos no colo lembrando das quantas vezes e estorinhas a contar com a colher na mão à altura da boca, “então o he-man foi tomar banho e chegou a she-ra” e ele nada, lábios fechados e depois, pelejando a dormir, horas a fio, dor de ouvido, dor de estômago, um pesadelo choroso que lhe alçava os pés na cama de casal entre pai e mãe, ela levando-o à sala, miudinho sempre, encaracolado em seus braços, cantando até chegar o sonho,

*Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação*

mas o moleque ainda menino, ainda miúdo, levar no médico, biotônico Fontoura, abrir-lhe o apetite, desviando do caminho de casa depois da aula, “na pinguelinha de bicicleta”, “na ilha jogando bola”, “no São Sebastião soltando pipa”, e ela a retrucar-lhe, não pode meu filho, hora de chegar é hora de chegar, “seu pai fica uma fera”, Cosme e Damião o mesmo suplício, pior talvez, esfrangalhava-se em preocupações, levado ia pegar doces na Banqueta, Jardim Paraíso, “até no Boiadeiro, meu filho, do outro lado da cidade!”, e ele nada, bolinhas de gude esparramadas pelo tapete da sala, botões e estrelão pelo chão do quarto, achava lindo ele sozinho narrando os gols, “do Botafogo....Renato Gaúcho!”, e se aproximasse, opinasse, tentasse invadi-lo, ele de todo emburrado, relutando em olhá-la, parecia distante, nem dia das mães, na escola, cantava alegre música, Roberto Carlos, “*Como é grande o meu amor...*”, viu-o, sorria, entoava a voz quase mais alto que os outros, abraçava o colega bamboleando o corpo, “*nunca se esqueça...*”, ele a viu, e daí o grito cessara, calou a boca num instante, corpo nulo em movimentos, estático, ainda relutou entregar-lhe as rosas de papel crepom, a professora incomodando mãe e filho nos olhos miúdos por trás dos óculos de aro tartaruga, “rusga em casa, coisa pouca, depois passa”, ao fim, já caminhando pela Ilha em polvorosa de carros e pais e mães e empregadas a catar filhos e filhas, “foi bonito filho”, nada, olhos atentos pro alto da antiga ponte pênsil, os pontos extremos do concreto encarando o céu, “parece uns soldadinhos né filho? parece sim, é só olhar quando você tiver vindo do Porto, vão lá olhar?”

*Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação*

e desdobrava-se, das tripas coração, um suplício, trabalho na imobiliária, oito a meio-dia, duas às seis, duas horas pra cuidar do menino, almoço, marido, voltar, ele sozinho entre brinquedos, o

casal de velhinhas vizinhas a tomar conta, mas um custo, “não, muito obrigada, ele fica bem sozinho, é miudinho mas sabe se cuidar”, ele, “você não gosta de mim”, voz fininha de fim de janta, “eu tenho que trabalhar meu filho”, “o pai trabalha”: um agarro só os dois, Domingo no tênis, Sábado na avó da Ilha de baixo, “eu tenho que trabalhar meu filho”, ele olhos molhados olhando-a na testa, até que um dia, que dia mesmo, tinha de ir, Três rios, Sapucaia, Cataguases, mal sabe, carona, carona feita, certo, um dos meninos da Força e Luz indo resolver outras pendências, ela já com um pé dentro do carro, “Mãe!”, ela com os dois pés dentro do carro, “Mãe!”, olhos no retrovisor: menino se esgoelando, corpo cheio de areia, shorts vermelhos e lágrimas: “Mãe!”, “Melhor deixar pra outro dia”, subindo as escadas de ardósia que davam pra casa arremessou-o contra o sofá, ele rebatendo em si, ela em ruínas de nervos, gritava, “Uma carona certa! Trabalho meu filho, você sabe o que é isso?! Trabalho! E agora? E agora o que é que eu faço?!”, mas se encrespou toda sobre o corpo do menino, abraçando-o, chorando-o, odiando

*Que braseiro, que fomalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão*

e foram tantas brigas, tantos anos: ele crescendo, um galalau magricelo, calado, mas ainda assim respondão, truculento nas palavras, muito pior depois que o pai desabou na cozinha logo após um almoço de terça-feira chuvosa qualquer, “enfarto fulminante” disse o médico, e o moleque, homem já, até barba fazendo toda semana, cada vez mais quieto, revoltoso, socando a mochila em qualquer canto do quarto, arrancando abrupto os tênis, desligando só em frente à televisão, telejornal esportivo, apoiando o prato na palma da mão direita, nas coxas: “senta aqui com a mãe” não sentava, e ela esperando a hora do banho para vasculhar suas coisas, os dedos ágeis encontrando um maço de Star pela metade, uma caixa de fósforos, até que um dia no fundo da gaveta onde abarrotadas dormiam revistas em quadrinhos, envolto em plástico, na trilha única para indicador e médio, o bloco de orégano, maconha? maconha! maconha! “meu deus!”

maconha!, o que fazer, ouviu a irmã “manda morar com o Ruy em Juiz de Fora, lá ele trabalha, estuda, isso aqui faz mal pro seu filho, faz mal pra você minha irmã”, por que assim, seria feliz aqui, só precisava de um emprego, faz faculdade aqui mesmo, é boa, “felizes?vocês dois?”, ouviu-a, deixou-o, indo embora nem a cabeça pra fora do Progresso colocou, nada, nem que fosse um adeus, até breve melhor, ligava vez em quando ou outra, tudo a pedido do irmão, apostava, poucas palavras dizendo ta na hora, ta na hora, “tio Ruy não gosta que gaste telefone, tenho que ir”, “um beijo” – telefone mudo: e foram os empregos multicoloridos em firmas cada vez menos, foram as noites de sono perdidas de nem remédio dar jeito, aposentaram-na, os nervos, os cabelos brancos e as rugas poucas para cinquenta e alguns anos de invalidezes, tristezas remoídas entre os poucos haveres da casa, uma foto dele caipira, uma outra no colo de um Papai Noel em qualquer lugar, outra ele de longe, outro lado da estrada perto do sítio do tio, e agora que as palmas das mãos alçam-na à procura de um barulho ínfimo que seja, e agora sempre assim: nada, abaixo da janela o beco, as mãos trêmulas afastando a cortina branca, a tarde se encerrando entre fios de alta tensão e pombos que em rebuliço vão pra longe, levantam vôo dentre os vãos do telhado imundo da Rede,

*Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão.*